


**CAPOEIRA E INTERSECCIONALIDADE:
DESAFIOS NOS PERCURSOS FORMATIVOS DE MESTRAS NO BRASIL**

**CAPOEIRA AND INTERSECTIONALITY:
CHALLENGES IN THE TRAINING COURSES OF MASTERS IN BRAZIL**

**CAPOEIRA E INTERSECCIONALIDAD:
DESAFÍOS EM LOS CURSOS DE FORMACIÓN DE MAESTRÍA EM BRASIL**

Ábia Lima de França


<https://orcid.org/0000-0002-3087-0731> 


<http://lattes.cnpq.br/1790422859516861> 

Universidade Federal da Bahia (Salvador, BA – Brasil)

abia@ufba.br

Augusto Cesar Rios Leiro

<https://orcid.org/0000-0002-6075-5187> 

<http://lattes.cnpq.br/5271359090827105> 

Universidade Federal da Bahia (Salvador, BA – Brasil)

cesarleirocbce@gmail.com

Resumo

O artigo em tela buscou analisar os desafios nos percursos formativos de mestras de capoeira do Brasil sob uma ótica interseccional. Trata-se de uma pesquisa descritiva, de natureza qualitativa, que lançou mão da aplicação de um questionário misto para o levantamento das informações. Participaram da investigação 109 mestras de capoeira, nascidas entre 1956 a 1987, nas distintas regiões geográficas do Brasil. Para a análise das informações, utilizamos o *software Iramuteq*, que nos auxiliou na elaboração e representação da nuvem de palavras e na análise de similitude. Os resultados do estudo evidenciaram a frequência dos termos “capoeira”, “mulher”, “não”, “desafio”, “mestre”, “trabalho”, “homem” e “preconceito” na nuvem de palavras. Na análise de similitude, os termos centrais “capoeira”, “mulher”, “desafio” e “mestre” se conectaram a distintas palavras periféricas, que refletem as estruturas do patriarcado. Conclui-se que as trajetórias formativas das mestras de capoeira foram marcadas por desigualdades de gênero, de forma recorrente, e por desigualdades de raça, de forma ascendente.

Palavras-Chave: Capoeira; Mulher; Gênero; Raça.

Abstract

The article in question sought to analyze the challenges in the training paths of capoeira masters in Brazil from an intersectional perspective. This is a descriptive research, of a qualitative nature, which used a mixed questionnaire to collect information. 109 capoeira masters, born between 1956 and 1987, in different geographic regions of Brazil, participated in the investigation. To analyze the information, we used the *Iramuteq software*, which helped us in the creation and representation of the word cloud and in the similarity analysis. The results of the study showed the frequency of the terms “capoeira”, “woman”, “no”, “desafio”, “mestre”, “work”, “man” and “prejudice” in the word cloud. In the similarity analysis, the central terms “capoeira”, “mulher”, “desafio” and “mestre” were connected to different peripheral words, which reflect the structures of patriarchy. It is concluded that the training trajectories of capoeira masters were marked by gender inequalities, on a recurring basis, and by racial inequalities, on an ascending basis.

Keywords: Capoeira; Woman; Gender; Race.

Resumen

El artículo en cuestión buscó analizar los desafíos en los caminos de formación de maestros de capoeira en Brasil desde una perspectiva interseccional. Se trata de una investigación descriptiva, de carácter cualitativo, que utilizó un cuestionario mixto para recolectar información. Participaron de la investigación 109 maestros de capoeira,



nacidos entre 1956 y 1987, en diferentes regiones geográficas de Brasil. Para analizar la información utilizamos el software *Iramuteq*, el cual nos ayudó en la creación y representación de la nube de palabras y en el análisis de similitud. Los resultados del estudio mostraron la frecuencia de los términos "capoeira", "mujer", "no", "desafío", "mestre", "trabajo", "hombre" y "prejuicio" en la nube de palabras. En el análisis de similitud, los términos centrales "capoeira", "mulher", "desafio" y "mestre" se conectaron con diferentes palabras periféricas, que reflejan las estructuras del patriarcado. Se concluye que las trayectorias formativas de los maestros de capoeira estuvieron marcadas por desigualdades de género, de forma recurrente, y por desigualdades raciales, de forma ascendente.

Palabras Clave: Capoeira; Mujer; Género; Carrera.

INTRODUÇÃO

O presente artigo científico toma como referência a tese de doutorado intitulada "Trajetórias formativas e registros biográficos de mestras de capoeira" defendida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade na Universidade do Estado da Bahia (PPGEduc/UNEB), em 2021.

A capoeira pode ser definida como arte, luta, dança, jogo, filosofia de vida, defesa pessoal e movimento de resistência (França, 2018). Essa manifestação corporal contém traços da cultura afro-brasileira em seu acervo gestual, musical e ritualístico (Falcão, 2004), portanto está intimamente ligada às narrativas e memórias históricas do povo negro no Brasil.

Historicamente, na prática da capoeiragem, os aprendizados aconteciam por meio da "oitiva", baseada na experiência e na observação, de acordo com Abib (2006). Isso durou até meados do século XX, pois, a partir da década de 1930, quando a capoeira começou a ser praticada em recintos fechados, surgiram os grupos de capoeira, que instituíram suas normas, seus códigos, suas metodologias de ensino e seus sistemas de avaliação para consagração dos(as) mestres(as) de capoeira (França, 2021).

Os processos de ensino-aprendizagem na capoeira extrapolam a realização de movimentos corporais, pois envolvem historicidade, musicalidade, corporalidade, consciência política, identidade cultural, expressões artísticas, saberes pedagógicos, domínio nos toques de instrumentos, cânticos e processos criativos, dançantes ou combativos, que são atravessados por marcadores sociais da diferença, como gênero, raça/etnia, sexualidade, classe social, geração, etc.

De acordo com (Marani; França, 2024), estudos sobre a capoeira tendem a analisar cada dimensão de identidade de forma isolada, o que muitas vezes negligencia as complexas interações entre os marcadores sociais da diferença, colaborando para a perpetuação de desigualdades e injustiças sociais. Para Zamboni (2014), os marcadores sociais nunca funcionam de forma isolada, pois estão sempre interligados nas experiências dos sujeitos.





A interseccionalidade possibilita perceber a colisão de estruturas, a interação entre as avenidas identitárias (Akotirene, 2019), ou seja, entre os marcadores sociais da diferença. “A interseccionalidade é uma forma de entender a explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas” (Collins; Bilge, 2020, p. 16). Nesse sentido, compreendemos que a interseccionalidade é um instrumento útil para entender os desafios das trajetórias formativas das mestras de capoeira.

Ao buscar entender as distintas histórias das mulheres no universo da capoeira, defrontamo-nos com inúmeros obstáculos, dentre os quais o primeiro é a escassez de fontes documentais, o que, de acordo com Perrot (1989), invisibiliza e silencia as memórias das mulheres. Mesmo diante dessa barreira, que pode comprometer a produção do conhecimento e assim colaborar para a fragilidade da escrita, foi possível encontrar indícios do envolvimento de mulheres na capoeira desde 1817, nos estados do Rio de Janeiro, de São Paulo, da Bahia, de Pernambuco, do Paraná, de Alagoas, do Maranhão, do Pará e do Amazonas, a partir de estudos recentes, como os de Oliveira e Leal (2009), Fialho (2019), Beltrão (2021) e França (2021), que colaboram para o resgate da presença feminina na capoeira do Brasil.

No que se refere à consagração e ao reconhecimento de mestras(es) de capoeira, Paiva (2006) afirma que há duas maneiras de uma pessoa se tornar merecedora do título, sendo a primeira relacionada ao capital necessário para ser legitimado e reconhecido como mestra(e), e a segunda por um processo de preparação relacionado com o sistema de graduação, que recentemente começou a fazer parte da história da capoeira. Em acréscimo, Borges e Grandó (2022) afirmam que a formatura de mestra(e) é um ritual hierárquico dentro da capoeira, que leva em consideração o tempo de prática, a dedicação, o desenvolvimento e o avanço de cada um(a). A partir disso, surge a seguinte questão norteadora: como se deram os percursos formativos das mestras de capoeira sob uma ótica interseccional?

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa descritiva, de natureza qualitativa, movida pelo interesse de buscar compreender os processos históricos, as trajetórias e as formações das mulheres no universo da capoeira a partir de uma visão holística, levando em consideração as interações e influências (Gatti; André, 2010). Lançamos mão da aplicação de um questionário misto, composto de questões abertas e fechadas, aplicado às colaboradoras da pesquisa entre março de 2017 e abril de 2021, após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido





(TCLE). Para o estudo em tela, analisamos apenas as questões abertas que discutem sobre os desafios nos percursos formativos das mestras de capoeira, analisadas com o auxílio do *software Iramuteq*.

Segundo Camargo e Justo (2013), esse *software* possibilita diferentes tipos de análise de dados textuais, desde aquelas bem simples, que calculam a frequência de palavras, até análises multivariadas, que fazem análises de similitude, por exemplo. As respostas foram reunidas em um arquivo em formato .txt, transferido para o *software Iramuteq*. Em seguida, foram feitas as leituras dos dados e a análise textual (nuvem de palavras e análise de similitude). A nuvem de palavras é uma análise lexical simples que identifica as palavras-chave de um *corpus* textual, enquanto a análise de similitude se baseia na teoria dos grafos e permite a identificação das coocorrências e da conexidade entre as palavras (Camargo; Justo, 2013).

Na construção da nuvem de palavras, incluímos todos os termos encontrados nos questionários. Já para a análise de similitude, levamos em consideração a recorrência das palavras com dez ou mais menções, com o intuito de qualificar a visualização da conexidade entre os termos identificados nos desafios dos percursos formativos das mestras de capoeira.

RESULTADOS

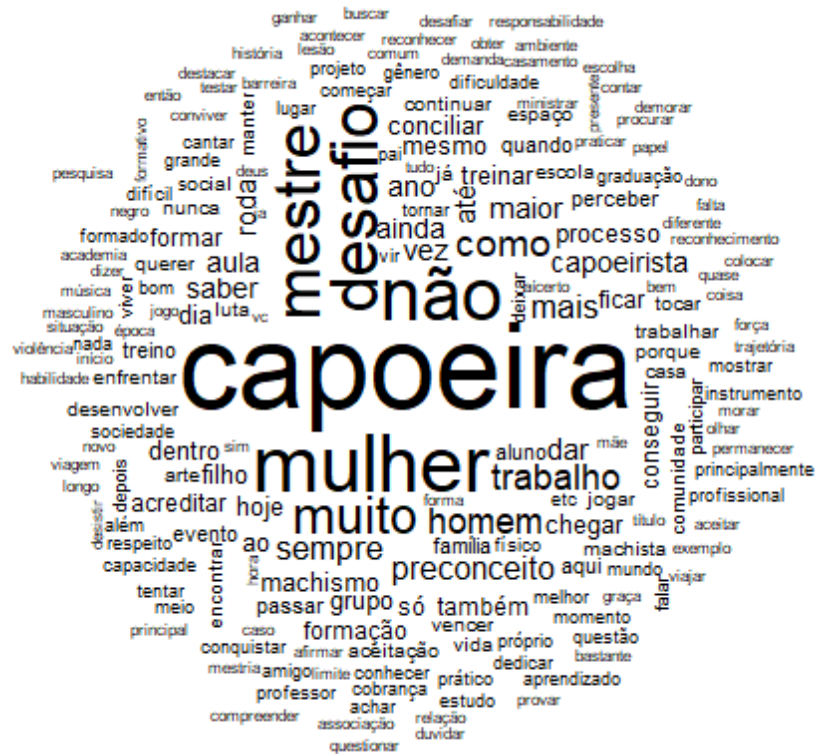
As mestras brasileiras investigadas têm entre 30 a 39 anos de capoeira e foram consagradas mestras entre 1980 a 2002. Das 109 colaboradoras, 92% receberam o título, a corda ou cordão de mestres, 4% foram formadas por suas mestras e 4% tiveram o reconhecimento apenas da comunidade da capoeira. Sobre as regiões do Brasil em que as mestras residem, notamos que o Sudeste lidera com o maior quantitativo (50), seguido do Nordeste (46) e, em menor proporção, do Centro-oeste (4), do Sul (3) e do Norte (1). Há cinco mestras vivendo no exterior.

Para compreender os desafios nos percursos formativos das mestras de capoeira, utilizamos o *software Iramuteq*, que possibilitou o avanço na análise qualitativa dos dados. Além da visualização de termos frequentes na nuvem de palavras, buscamos dar luz a temas emergentes, que foram evidenciados nas respostas das mestras, sob uma ótica interseccional.





Figura 1 – Nuvem de palavras dos desafios formativos de 109 mestras de capoeira do Brasil



Fonte: construção dos autores.

É possível observar, na Figura 1, os termos recorrentes nos percursos formativos das mestras, como: “capoeira” (98), “mulher” (62), “não” (56), “desafio” (49), “mestre” (47), “trabalho” (29), “homem” (22), “machismo” (21) e “preconceito” (19). No tocante aos obstáculos nas trajetórias formativas das mulheres na capoeira, Martins *et al.* (2021) sinalizam que as dificuldades para as mulheres se manterem na capoeira até chegarem à maestria são maiores do que as dos homens, por conta do machismo estrutural. As mulheres precisam conciliar duplas ou até triplas funções, labutando, em todas as ambiências, contra jornadas excessivas. É preciso romper barreiras no cotidiano para que possam ser garantidos os direitos políticos, sociais, de gênero, etc (Borges; Grando, 2022).

Apesar de o termo “gênero” ter sido pouco citado nos questionários pelas mestras, notamos que ele subjaz quando se reflete sobre o machismo e o preconceito; sobre a necessidade, por parte da mulher, de conciliar as múltiplas tarefas sociais e ainda ter que provar que merece tal reconhecimento ou status; sobre as cobranças sociais para ser considerada boa capoeirista e mesmo assim encontrar quem lhe ponha defeito e a desqualifique (França; Santos, 2022); sobre a baixa expectativa em torno da própria formação (Araújo, 2016), entre



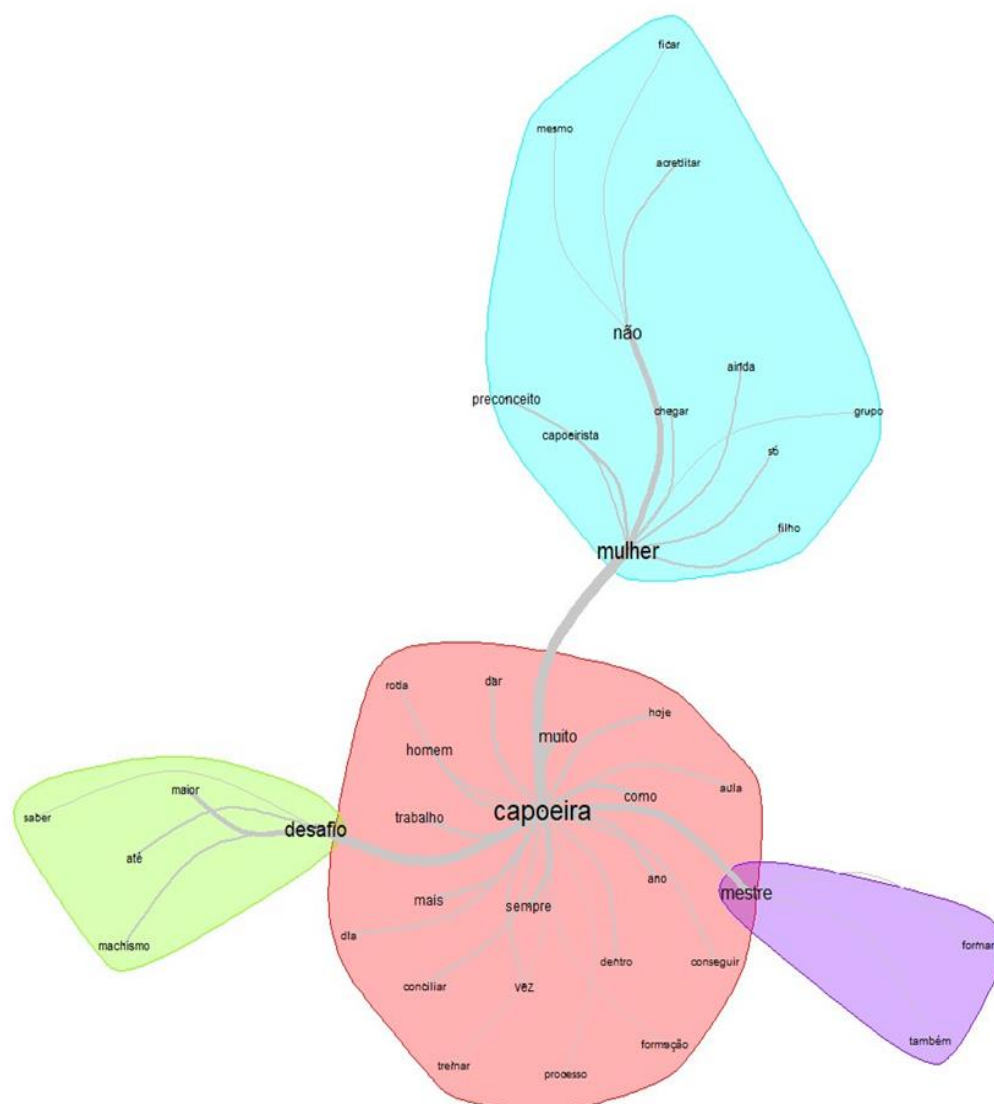
outras questões. França (2021) ainda acrescenta que é preciso superar o uso da categoria gênero de forma reduzida e pragmática e ampliar o olhar sobre o tema.

Embora não tenha sido destacada, nos questionários, a discussão que atravessa a sexualidade, é importante dizer que, quando as normas de gênero funcionam de forma eficaz, seus efeitos podem não ser percebidos, mas, quando a sexualidade, a identidade e a corporeidade fogem aos padrões heteronormativos, os sinais dessa irreverência são permanentes (Cunya, 2022). Nesse sentido, lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais e pessoas queer, intersexo, assexuais, pansexuais e não binárias (LGBTQIAPN+) podem ser menosprezadas, estigmatizadas, invisibilizadas, agredidas e assassinadas, entre outros, na pequena e na grande roda.

Ampliando a perspectiva interseccional, ficou evidente o desafio do debate sobre as questões étnico-raciais nos depoimentos de algumas mestras, que apontam a falta de reconhecimento e de representatividade de mestras negras (França, 2021), o silenciamento de suas memórias na historiografia (Amaral, 2024). De acordo com Menezes (2020), existem processos estruturantes racistas que colaboram para a dificuldade da presença das mulheres pretas na capoeira, como: treinos de noite, falta de possibilidade financeira para pagar a mensalidade, disponibilidade de tempo, dificuldade para voltar para casa, receio de jogar com os homens, por causa de violências, menor disponibilidade de atenção se comparadas às mulheres brancas, entre outros (Menezes; Araújo, 2022). Nesse sentido, torna-se fundamental a descolonização dos feminismos, de gênero, corpos, corações e mentes. “A descolonização torna-se ato necessário para a vida de todas, todes e todos” (Silva, 2023, p. 266). De forma complementar, na Figura 2, são apresentados termos que estão (inter)relacionados na análise de similitude:



Figura 2 – Análise de similitude dos desafios de 109 mestras de capoeira do Brasil



Fonte: construção das autoras.

A partir da Figura 2, visualizamos a conexão entre as palavras de maior frequência no *corpus* textual, na qual sobressai o registro de termos centrais como “capoeira”, “mulher”, “desafio” e “mestre”, marcados com cores distintas. O termo “capoeira” se conecta a “homem”, “trabalho”, “conciliar”, “formação”, “processo”, “treinar”, “conseguir” e “aula”. Já a palavra “desafio” se interliga a “machismo” e “saber”. O termo “mulher” se relaciona a “capoeirista”, “preconceito”, “filho”, “chegar” e “não”. E, por fim, o termo “mestre” se conecta a “formar”.

Na análise de similitude, ficou evidente a presença de termos recorrentes como “machismo”, “não” e “preconceito” que refletem o machismo estrutural no interior da capoeira, exemplificada na fala da M.36 ao dizer que o maior desafio em sua trajetória é a “falta de



aceitação por parte de muitos homens capoeiristas”. Somado a isso, a colaboradora M.28 também acrescenta: “o preconceito o descaso por parte dos homens na capoeira o tempo a ser dedicado a capoeira uma vez que temos de trabalhar ser mãe profissional e dona de casa”.

Muitas mulheres, além de enfrentarem os preconceitos para serem “aceitas” ou “se inserirem” nos grupos de capoeira, necessitaram vencer outros obstáculos como conciliar a vida profissional, os afazeres domésticos, a criação do/a filho/a, ou seja, desempenharem múltiplas jornadas de trabalho. As mulheres precisam gingar com as complexas funções sociais de que se reveste simbolicamente a feminilidade (Conrado, 2006), as quais dificultam sua permanência e podem até mesmo levá-las a desistir da capoeira, principalmente o casamento, a maternidade e a formação da família, quando há desigual divisão de papéis de gênero (Silva, 2018; Souza; Deive, 2011), o que acaba sobrecarregando, responsabilizando e culpabilizando unicamente a mulher pelo andamento de tais fatores (França, 2021).

No que se refere a jornada de trabalho, observamos que a palavra “filho” está vinculado ao termo “mulher” como se a maternidade fosse o destino fisiológico de todas as mulheres. É importante destacar que a maternidade é uma construção histórica, cultural e social, portanto não é inata muito menos biológica e natural para as mulheres (França; Santos, 2022). As autoras ainda sinalizam que, no exercício da parentalidade, as expectativas sociais sobre as mulheres-mães recaem os cuidados e compromissos diários com os/as filhos/as, enquanto aos homens-pais esperam-se que tenham responsabilidade financeira, que nem sempre (ou não) é assumida em determinados contextos.

No interior da capoeira, também há assimetria de gênero, as mulheres não têm os mesmos direitos (França; Santos, 2022) nem alcançam as mesmas graduações ou titulações no mesmo tempo do que os homens. Isso fica explícito na narrativa da M.17 quando diz: “muitos outros homens com menos tempo, conhecimento e trabalhos em prol alcançam essa graduação e não são tão questionados como nós mulheres”. Seguindo esse fio condutor a colaboradora M.104 também acrescentou: “dentro da capoeira é muito complicado lidar com valores diferenciados para há mulher todos falam que dão espaço para as mulheres mas na prática não é isso que acontece”.

Desse modo, elas carecem de “brigar pelo gunga”, não tocam berimbau, não puxam o canto, jogam menos vezes, sofrem situações humilhantes de cunho sexual, golpes dados com força suficiente para machucar, tomam rasteiras desmoralizantes (Zonzon, 2017) e escutam cantigas que estimulam a aplicação de violência simbólica, psicológica e física na roda





de capoeira (Barbosa, 2005). Somado a isso, Camões (2019), Silva (2017) e Amaral (2023) assinalam que as mulheres vivenciam, na capoeira, situações de sexismo e violência, que contribuem para seus afastamentos dessa manifestação corporal.

As mulheres enfrentam inúmeros desafios e preconceitos em suas trajetórias, como: negação dos instrumentos de capoeira, reprodução de músicas sexistas, tardio reconhecimento de mestras de capoeira (Pereira; Marchi Júnior, 2019), obstáculos externos (duplas ou triplas jornadas de trabalho), outras prioridades/responsabilidades, falta de motivação e de tempo, discriminações, assédios, entre outros (Figuerôa, 2021). Essas distintas experiências e dificuldades em suas trajetórias formativas refletem a condição de ser mulher (Araújo; Souza; Marani, 2022).

A partir de uma análise interseccional, notamos que a estrutura patriarcal da sociedade, somada a outros sistemas discriminatórios, como racismo e opressão de classe, cria desigualdades básicas (Crenshaw, 2002) que replicam no âmbito do universo da capoeira as posições subalternas atribuídas às mulheres pela sociedade.

Tanto na nuvem de palavras quanto na análise de similitude, notamos a centralidade dos termos "capoeira", "mestre", "desafio", "não" e "mulher", que estão relacionados de alguma forma às discussões de gênero, refletindo as estruturas de poder do patriarcado. Os marcadores sociais maternidade e raça apareceram de forma tímida na nuvem de palavras, por intermédio da palavra "negra" e "filho". Vale mencionar que não encontramos termos que discutissem sobre os seguintes marcadores sociais da diferença: identidade sexual, deficiência, classe social, geração, religião, dentre outros. Essa constatação também fica evidente na escassez de produções acadêmico-científicas sobre a capoeira e a interseccionalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar os desafios nos percursos formativos de mestras de capoeira do Brasil sob uma ótica interseccional. As 109 mestras brasileiras investigadas têm entre 30 a 39 anos de capoeira e foram consagradas mestras entre 1980 a 2002. Dos 109 questionários aplicados, notamos a recorrência dos termos "capoeira", "mulher", "não", "desafio", "mestre", "trabalho", "homem" e "preconceito" na nuvem de palavras. Na análise de similitude, os termos centrais "capoeira", "mulher", "desafio" e "mestre" se interligam a distintas palavras, que refletem as estruturas de poder do patriarcado.





De modo geral, entendemos que os percursos formativos dessas mestras de capoeira foram marcados por desigualdades de gênero, de forma recorrente, e por desigualdades de raça, de forma ascendente. As mulheres, para se tornarem mestras de capoeira, terão sempre que disputar seus espaços e lutar contra preconceitos e violências atravessados pelos distintos marcadores sociais da diferença (raça, gênero, classe social, sexualidade, geração, religião, entre outros) que se articulam nas experiências humanas.

A discussão aqui desenvolvida não teve a pretensão de esgotar o assunto. No entanto, importa sublinhar que novos estudos e pesquisas numa perspectiva interseccional vem apontando "[...] caminhos na direção de pressupostos que nos permitirão vivenciar num tempo mais próximo uma prática socioeducativa [...], centrada em valores como coletividade, solidariedade e equidade" (Leiro, 2004). Assim, futuras investigações são necessárias para melhor compreender as narrativas e trajetórias formativas de corpos diversos e plurais em suas expressões e (re)existências no universo da capoeira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Os velhos capoeiras ensinam pegando na mão. **Cadernos Cedex**, v. 26, n. 68, p. 86-98, 2006.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2019.

AMARAL, Erica Pires do. **Quem vêm lá são elas**: memórias, saberes e (re) existências das mestras de capoeira na pequena e na grande roda. 2023. 159f. Dissertação (Mestrado em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

AMARAL, Erica Pires do. Todo tempo não é um: memórias, mulheres e Capoeira. **Revista tempo, espaço e linguagem**, v. 15, n. 1, p. 68-90, 2024.

ARAÚJO, Rosângela Costa. Elas gingam. **Cias**, v. 64, n. 1, p. 85-93, 2016.

ARAÚJO, Pâmela Figueiredo Barbosa de; SOUZA, Mauro José de; MARANI, Vitor Hugo. Corpo, gênero e capoeira: experiências autoetnográficas a partir dos estudos culturais físicos. **Licere**, v. 25, n. 1, p. 343-368, 2022.

BARBOSA, Maria José Somerlate. A mulher na Capoeira. **Arizona journal of hispanic cultural studies**, v. 9, p. 9-28, 2005.

BELTRÃO, Mônica. **Das mulheres desordeiras, valentes e capoeiras**. 1. ed. Campina Grande, PB: Plural, 2021.





BORGES, Joacelmo Barbosa; GRANDO, Beleni Saléte. Os desafios da mestria em capoeira: as barreiras para a mulher ser mestra! **Brazilian journal of development**, v. 8, n. 10, p. 68703-68715, 2022.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. *Iramuteq*: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013.

CAMÕES, Luciane de Sena. **Elas jogam, tocam e cantam**: práticas e discursos sobre a experiência histórica de mulheres. 2019. 208f. Dissertação (Mestrado em Estudos Antrópicos na Amazônia). Universidade Federal do Pará, Castanhal, PA, 2019.

COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2020.

CONRADO, Amélia Vitória de Souza. **Capoeira angola e dança afro**: contribuições para uma política de educação multicultural na Bahia. 2006. 304f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2006.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

CUNYA, Ana Mines. A capoeira é para quem? Quem é para a capoeira? Reflexões sobre hospitalidade, gênero e branquitude na prática de capoeira angola. In: ARAÚJO, Janja; SILVA, Renata de Lima; FERREIRA, Elizia Cristina (Orgs.). **Mulheres que gingam**: reflexões sobre as relações de gênero na capoeira. Curitiba, PR: Appris, 2022.

FALCÃO, José Luiz. Cirqueira. **O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana**. 2004. 394f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2004.

FIALHO, Paula Juliana Foltran. **Mulheres incorrigíveis**: capoeiragem, desordem e valentia nas ladeiras da Bahia (1900-1920). 2019. 301f. Tese (Doutorado em História). Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2019.

FIGUERÔA, Kátiuscia Mello. Impressões femininas sobre a presença da mulher na capoeira: um estudo comparativo. In: FIGUERÔA, Kátiuscia Mello (Org.). **Mulher na capoeira**: produção de saberes, identidade e representatividade. Curitiba, PR: Dialética e Realidade, 2021.

FRANÇA, Ábia Lima de. **Capoeira & educação**: produção do conhecimento em jogo. 2018. 170f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2018.

FRANÇA, Ábia Lima de. **Trajetórias formativas e registros biográficos de mestras de capoeira**. 2021. 299f. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade). Universidade do Estado da Bahia, Salvador, BA, 2021.

FRANÇA, Ábia Lima de; SANTOS, Elis Souza dos. Mulher, mãe e capoeira: interseccionalidades em jogo. **Revista de humanidades e letras**. v. 1, n. 1, p. 5-26, 2022.





GATTI, Bernadete; ANDRÉ, Marli. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação no Brasil. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Orgs.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LEIRO, Augusto César Rios. Educação, lazer e relações de gênero: talhes e doxas. **Motrivência**, v. 19, p. 53-68, 2004.

MARANI, Vitor Hugo; FRANÇA, Ábia Lima de. Dança, capoeira e interseccionalidade: relatos autoetnográficos e desafios político-pedagógico. **Revista diversidade e educação**, v. 11, n. 2, p. 133-157, 2024.

MARTINS, Samara Escobar et al. Um olhar feminino sobre a mestria e a participação da mulher na capoeira da Grande Florianópolis. **Licere**, v. 24, n. 1, p. 385-407, 2021.

MENEZES, Letícia de Oliveira. Pode uma subalterna gingar? A epistemologia das mulheres pretas capoeiristas. **Revista espaço acadêmico**, v. 20, n. 225, p. 63-71, 2020.

MENEZES, Letícia de Oliveira; ARAÚJO, Janja. Eu vou dizer a dendê, tem homem e tem mulher: uma abordagem sobre as mulheres negras na Capoeira Angola soteropolitana. In: ARAÚJO, Janja; SILVA, Renata de Lima; FERREIRA, Elizia Cristina (Org.). **Mulheres que gingam**: reflexões sobre as relações de gênero na capoeira. Curitiba, PR: Appris, 2022.

PAIVA, Ilnete Porpino de. **A capoeira e os mestres**. 2007. 166f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2007.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. **Revista brasileira de história**, v. 9, n. 18, p. 9-18, 1989.

PEREIRA, Tatiane de Assis; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Capoeiras: a representação da mulher nessa arte luta brasileira. **Pensar a prática**, v. 22, p. 1-12, 2019.

SILVA, Eliane Glória Reis da. **As mestras de capoeira**: empoderamento e visibilidade. 2018. 117f. Tese (Doutorado em Ciências do Exercício e do Esporte). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SILVA, Mayris de Paula. **Educação com as mãos no chão**: um princípio formativo a partir das memórias de mulheres mestras de capoeira no Estado de São Paulo. 2023. 283f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2023.

SILVA, Maria Zeneide Gomes da. Identidade de gênero: mandingas, malícias e o jogo de poder nas rodas de capoeira paraense. **Gênero na Amazônia**, n. 7-12, p. 73-84, 2017.

SOUZA, Eliane Glória Reis da Silva; DEVIDE, Fabiano Pries. Capoeira regional: representações sociais das mestras e formandas sobre sua inserção e atuação no ensino da luta no Rio de Janeiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 17; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 4. **Anais [...]**. Porto Alegre, RS: CBCE, 2011.





ZAMBONI, Márcio. Marcadores sociais da diferença. **Sociologia**: grandes temas do conhecimento, v. 1, p. 14-18, 2014.

ZONZON, Christine Nicole. **Nas rodas de capoeira e da vida**: corpo, experiência tradição. Salvador, BA: EDUFBA, 2017.

Dados da primeira autora:

Email: abia@ufba.br

Endereço: Avenida Miguel Calmon, s/n, Canela, Salvador, BA, CEP: 40110-100, Brasil.

Recebido em: 16/06/2024

Aprovado em: 30/07/2024

Como citar este artigo:

FRANÇA, Ábia Lima de; LEIRO, Augusto Cesar Rios. Capoeira e interseccionalidade: desafios nos percursos formativos de mestras no Brasil. **Corpoconsciência**, v. 28, e.17889, p. 1-13, 2024.

